

INTERPELE

bete, a raposa e cândida, a lebre

Interpelar, verbo transitivo direto, é uma ação que se coloca a alguém em tom confrontativo, com alguma pergunta ou pedido de explicação. Pretende-se intimar a prestar declarações, esclarecimentos em tribunais ou simplesmente provocar uma pausa para questionamentos e reflexão. Estar diante de uma obra de arte é também disponibilizar-se a uma mensagem incerta ou uma dupla mensagem, neste caso ao mesmo tempo mandatária e sensual, com ideia de atingir o aparelho sensório perceptivo de quem a experiência.

Bete Esteves começou a criar “Interpele” antes mesmo que ela pudesse perceber que algumas articulações poéticas já haviam sido acionadas. Não exatamente por ela, mas apesar dela. Por algo que ela pronunciou sem sequer abrir a boca. “Interpele” é uma proposta de colocar a máquina para operar, antes de criar a máquina, depois de ter criado tantas outras. Um processo de agenciamentos, contaminações e operações fabulares, iniciado em 2022, e que não se deverá encerrar ao ser mostrado no SESC Três Rios.

O disparador do que se vê, são os cinquenta registros fotográficos que a artista apresenta. Flagrantes que Bete, a raposa, conseguiu fazer das aparições de Cândida, a lebre. Para aquele que *levanta a lebre* há sempre algo a revelar. Levanta-se a lebre, logo há uma suspeita. Existe algo que se coloca no lugar daquilo que não está lá. A exposição tem como ponto de partida um processo iniciado em 2022 pela artista, numa série denominada “**a raposa e a lebre**” em que a artista, como uma raposa astuta, visualiza ao longe e captura lebres, neste caso, **sacos de lixo** que se assemelham a este animal tão presente em poéticas de diferentes criadores. As lebres, que igualmente às sacolas, se reproduzem e proliferam vertiginosamente, estarão presentes na sala expositiva em diferentes meios.

Levantada a lebre, a questão é: Onde está a irregularidade? A começar pelos cinquenta registros que nos são apresentados. Por que Bete se detém em tantas imagens diferentes porém idênticas? Para Byung-Chul Han, nos dias de hoje, a negatividade do outro cede lugar à positividade do idêntico. A proliferação do idêntico é o que constitui as alterações patológicas que afetam o corpo social. Bete fotografa inúmeras lebres como se estivesse seduzida pelo poder e o desejo de proliferação. A raposa não é ingênua. Opera uma subversão. As lebres do gênero “*lepus sacculum*” escamoteiam resíduos responsáveis por grande parte do impacto e degradação ambiental, sob “pele de lebre”. Os resíduos que as lebres de Bete acomodam, parecem ser residenciais, resultantes dessa massa populacional da qual fazemos parte, nos grandes centros urbanos. A raposa denuncia os responsáveis por grande parte do impacto e degradação ambiental sob pele de lebre, fazendo com isso uma denúncia calma e subliminar. De forma indireta, convoca a urgência de pensar no descarte diário de resíduos produzidos e tirados de nossas casas por nós mesmos, com o mal estar devido, no entanto sob a pele de lebres.

Bete Esteves tanto se interessa pelo material Polietileno de Baixa Densidade, aplicado em sacolas de supermercados, sacaria industrial, bolsas e outros usos que cria uma estação de experimentação e pesquisa, como entende a artista, que

possibilita processos cirúrgicos de investigação das lebres do gênero. Afinal, o pele-plástico flexível, leve, transparente e impermeável é de ampla serventia. Um tipo de pele-tecido-invólucro de uma das mais volumosas e comprometidas produções humanas: o lixo. De maneira indireta o projeto “Interpele” toca em nossos padrões sociais e a maneira como consumimos e encaramos a preservação de nosso planeta.

Além das cinquenta fotografias e da estação de pesquisa, a artista apresenta desenhos, esculturas e outras peças que são animadas por dispositivos que produzem algum movimento. E mais, uma holografia e um vídeo de seis minutos produzido para esta exposição. Artistas muitas vezes contam histórias que tem a capacidade de nos colocar no abismo entre percepção e imaginação, nos desafiando ainda a não optarmos entre uma ou outra. Bete, a raposa, realiza com essa mostra um conjunto de agenciamentos, contaminações e operações fabulares, que se faz perceber até mesmo antes de adentrarmos a exposição.

Interpele oferece ao público a possibilidade de fazer o percurso do Rio de Janeiro ao SESC Três Rios, cerca de duas horas de viagem, em uma VAN que partirá do centro da cidade, passando e coletando participantes em subúrbios cariocas. Uma forma de mais uma vez tocar em nossos padrões sociais, referenciando o fenômeno das VANS, que há duas décadas tem o subúrbio carioca como seu principal destino. As VANS são parte da história dos transportes alternativos da cidade maravilhosa, assim como as Kombis nas décadas de 70 e 80. A artista oferece aos passageiros uma experiência imersiva sonora que funciona como uma espécie de dispositivo de preparação para adentrar o espaço expositivo. Trata-se da expansão-transgressão do que foi oferecido à artista pela instituição. Em criações anteriores, Bete Esteves já estava em busca de espaços lacunares que surgem em meio ao processo de trabalho. Interpele pretende ser uma mostra aberta aos acontecimentos num processo de agenciamentos, contaminações e operações fabulares, que insinua não se fechar ao final da exposição.

bia petrus